

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Adriana Ribeiro Rice Geisler

O que também se pode esperar de nossas favelas?

“Olho no mundo, olho no outro, olho em você”

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Prof^a Junia de Vilhena

Rio de Janeiro
Janeiro de 2004

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

Adriana Ribeiro Rice Geisler

Graduou-se em Psicologia pela PUC/RJ (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) em dezembro de 2001. Graduou-se em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1996. Prioritariamente desenvolveu suas atividades profissionais em Centros de Defesa de Direitos Humanos. Nos últimos anos, tem se dedicado ao ensino e a pesquisa na EPSJV/FIOCRUZ.

Ficha Catalográfica

Geisler, Adriana Ribeiro Rice

O que também se pode esperar de nossas favelas? : “olho no mundo, olho no outro, olho em você” / Adriana Ribeiro Rice Geisler ; orientadora: Junia de Vilhena. – Rio de Janeiro : PUC, Departamento de Psicologia, 2004.

116 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia.

Inclui referências bibliográficas.

1. Psicologia – Teses. 2. Cidade. 3. Favela. 4. Pertencimento. 5. Singularidade. 6. Cidadania. I. Vilhena, Junia de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Adriana Ribeiro Rice Geisler

**O que também se pode esperar de
nossas favelas? “Olho no mundo,
olho no outro, olho em você”**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profª Junia de Vilhena
Orientadora

Departamento de Psicologia – PUC-Rio

Profª. Maria Helena Rodrigues Zamora
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Prof. Ricardo Vieiralves de Castro
Departamento de Psicologia – UERJ

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade
Coordenador Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia e
Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, / /2004

Para Ana Lúcia, pela vida partilhada com muito amor.
Aos meus pais, Rice e Áurea, e aos meus avós, Adriano e
Irene e Wolfgang e Mary, por me transmitirem os valores
aqui professados.

Agradecimentos

À professora Junia de Vilhena, minha orientadora, pelo trabalho que tem possibilitado à academia um outro olhar para os setores subalternizados da população.

À professora Maria Helena Zamora, por ter me apresentado à “Psicologia Comunitária” e se tornado parceira na elaboração deste trabalho.

À Sociedade de Educação e Promoção Social Grupo ECO e, em especial, a cada um dos adolescentes com os quais pude trocar olhares e afetos.

Ao Itamar Silva, pela receptividade, sinceridade e pelo sorriso.

Ao professor Carlos Alberto Plastino, porque no momento em que o espaço acadêmico se contenta em perpetuar o conhecimento como um princípio de ordem sobre a natureza e sobre os outros, ele me ajuda a manter viva a crença de que a reflexão pode funcionar como um princípio de solidariedade.

Ao Fortunato Wenceslau da Silva e à Áurea Geisler, por serem para mim testemunhos vivos de fé e política.

À Alessandra, minha irmã, pela compreensão e pela torcida. Aos meus sobrinhos, Alexandre e Vinícius, com os quais compartilho alegria e vitalidade. Ao Moa e à Alba, pelo companheirismo. E, aos antigos amigos, Tamar Araújo, pelo que se construiu junto neste novo começo, e, Luis André Bordini de Carvalho, pela cumplicidade.

À Pastoral de Juventude e aos companheiros que nela fiz pela importância que tiveram em minha própria formação. PJ Sempre!!!

À PUC-Rio, pelos auxílios concedidos desde a graduação.

Às professoras, que cuidadosamente me acompanharam e me incentivaram durante essa trajetória. Obrigada Flávia Sollero, pela sintonia e pela disponibilidade; Carolina Lamprea, pelo acolhimento, e Regina Murat, pelo carinho.

À Maria Teresa Silva Lopes, pela escuta que, ao promover simultaneamente interpretação e amparo, auxilia-me a voltar sobre mim o meu olhar.

Às novas amigas que não me permitiram fraquejar. Aqui, um especial registro à Mariana Mollica, Ana Maria Furtado e Angélica Tironi.

Às professoras Flávia Schlee Eyler, Sonia Travassos e Ana Lucia Abrahão, pelas indispensáveis contribuições.

Ao Professor Augusto Sampaio e à Celeste da Cunha, pela generosidade e pelo incansável apoio.

Aos apoios “de última hora”, mas não menos consideráveis, de Carla Martins, Selma Araújo, Vivian Teixeira, Iohana, Andréa e Henrique Abrahão.

Resumo

O que também se pode esperar de nossas favelas?

“Olho no mundo, olho no outro, olho em você”

“O que (também) se pode esperar de nossas favelas”, se desrespeitadas em suas particularidades elas têm sido vistas sob um único prisma: território de aglomeração de camadas pobres? Esse modelo hegemonicamente construído de olhar a favela surge identificando seus moradores como ‘classes perigosas’, a por em risco nosso mundo ilusoriamente portador de uma realidade coerente. No universo acadêmico, nosso discurso especializado costuma remeter nossas ações mais para a ‘situação de risco’ da ‘comunidade assistida’ do que para suas capacidades e seu potencial. O objetivo deste trabalho é compreender o morador da favela como quem, ao olhar a cidade, pode se inserir na construção de uma proposta coletiva para o viver em sociedade e pode elaborar criativamente para si sua experiência de pertencimento. Metodologicamente, foi tomada por base a pesquisa-ação. A partir das categorias centrais evidenciadas na prévia leitura bibliográfica e das que emergiram do material empírico, procedeu-se um exame qualitativo dos discursos e das informações recolhidas através de diário de campo. Foi escolhido o Grupo Eco/adolescente, formado por jovens moradores da favela de Santa Marta, em Botafogo, Rio de Janeiro. A dissertação discute como esse espaço contribui na busca pela realização do ideal da cidade cerzida e no resgate da singularidade dos atores envolvidos.

Palavras chaves: cidade, favela, pertencimento, singularidade, cidadania.

Abstract

What can we also get from our slums?

“To keep an eye on the world, to keep an eye on someone, to keep an eye on you”

“What can we (also) get from our slums”, if they aren’t respected in their singularities? They had been contemplated under only one aspect: poor classes’ territory of agglomeration. This hegemonic approach about the slums emerges classifying their people as “dangerous classes”, which bring a risk to our world that is an illusory way to possess a coherent reality. In the academical universe, our specialized speeches use to focus our actions on the “risk situation” of the “helped people” instead of doing so on their capacities and their potential. The aim of this work is to understand – by the whole city point of view – the slum inhabitant as someone who can be part of the construction of a collective proposal of living in a single society and who can develop for himself, in a creative way, his own experience of “taking part of it”. The methodology applied here was the research-action approach (field trip). From the central categories that were taken as relevant in the previous bibliography reading material and from which the empirical material was collected, we proceeded into a qualitative examination of the speeches and information we got from a camp-field diary work. The ECO/adolescents’ Group, composed of young inhabitants from Santa Marta slum, in Botafogo, Rio de Janeiro, was chosen as this field for our investigation. This work analyses how the mentioned group contributes to make real the ideal of the darned city and to rescue the identity of the actors involved on this.

Keywords: city, slum, to take part of, identity, citizenship.

Sumário

1. Introdução	pág. 10
2. A Lógica Excludente na Constituição da Cidade do Rio de Janeiro	pág. 19
2.1. O empreendimento da modernidade: do domínio do homem sobre a natureza à “colonização do homem pelo homem”	pág. 19
2.2. “E a cidade com seus braços abertos num cartão postal”	pág. 25
2.3. Favela: nem “terra sem mal”, nem “inferno verde”	pág. 29
2.4. E no Santa Marta...: a trajetória da localidade e o Grupo Eco ..	pág. 38
3. Revisitando o conceito de cidadania	pág. 45
3.1. Considerações históricas acerca da cidadania no Brasil	pág. 50
3.1.1 – Súdito ou cidadão?: a instauração da estadania	pág. 50
3.1.2 – “Brasileiro, profissão esperança”	pág. 54
3.2. Breve apreciação da cidadania como direito: alteridade, tolerância e pluralismo jurídico	pág. 56
3.3. "Malandro é malandro e mané é mané": algumas possibilidades para a cidadania brasileira	pág. 63
3.4. Cidadania como pertencimento: da participação dos movimentos sociais ao direito à alegria	pág. 66
3.5. Cidadania e Subjetividade	pág. 78
4. Eco(logia): aprendendo a “olhar a árvore com a dimensão da floresta”	pág. 84
4.1. Diário de Campo	pág. 85
4.2. Observação Participante	pág. 85
4.3. Descrição do campo de pesquisa	pág. 86
4.4. Análise dos Dados	pág. 88
4.4.1. Considerações sobre o “direito à alegria”	pág. 88
4.4.2. Eco/adolescente	pág. 92
4.4.3. Singularidade e Pertencimento: construindo sujeitos coletivos de direito	pág. 104
4.4.4. A formação como lugar do encontro	pág. 106
5. Considerações Finais	pág. 109
6. Referências Bibliográficas	pág. 111

*“Em nome do Povo que espera,
na graça da Fé,
à voz de Xangô,
o Quilombo-Páscoa que libertará.*

*Em nome do Povo sempre deportado
pelas brancas velas
no exílio dos mares;
marginalizado
nos cais, nas favelas
e até nos altares.*

*Em nome do Povo
que fez seu Palmares
que ainda fará
Palmares de novo
Palmares, Palmares, Palmares,
do Povo!”*

Pedro Casaldáliga e Pedro Tierra